

Raça e gênero na revista *Em Guarda para a defesa das Américas*. Os Estados Unidos que os brasileiros devem ver.

Race and Gender in the magazine *On Guard for the Defense of the Americas*. The United States Brazilians must see.

Teresa Cristina de Novaes Marques¹

tcnovaes610@gmail.com

Resumo: De agosto de 1941 a dezembro de 1945, a revista *Em Guarda para a defesa das Américas* foi publicada em Washington, em espanhol e em português, versão esta distribuída no Brasil. A publicação fazia parte do esforço de aproximação dos EUA com a América Latina e compôs o conjunto de ações de propaganda política dos Aliados durante a guerra. Fartamente ilustrada, aos moldes da revista *Time-Life*, a *Em Guarda* apresenta os Estados Unidos ao Brasil em linguagens textual e imagética repletas de códigos. Dentre eles, examinam-se as ideias de masculinidade e, como contrapartida, a de feminilidade, contidas nas imagens veiculadas, bem como as relações raciais que se manifestam nas escolhas editoriais.

Palavras-chave: Segunda Guerra, propaganda, relações raciais, relações de gênero.

Abstract: From August 1941 to December 1945, the magazine *Em Guarda para a defesa das Américas* (On Guard for the Defense of the Americas) was published in Washington, D.C., in Portuguese and Spanish, and distributed to Brazil. The publication was part of the United States' effort to get closer to Latin America and was part of the political propaganda actions of the Allied during the years of the war. Abundantly illustrated, in a fashion similar to *Time-Life* magazine, *Em Guarda* presented the USA to Brazil by using a textual and image language full of codes. Among them, we examine the idea of masculinity, together with its counterpart, the idea of femininity, expressed in the images published in the magazine, as well as the racial relations manifested in the editorial choices.

Keywords: World War II, propaganda, racial relations, gender relations.

A América que os brasileiros devem ver

Uma centena de homens jovens e brancos aguarda para embarcar no navio que os levará para o *front* na Europa. Em outro registro, integrantes da força aérea posam sorridentes diante de um avião cargueiro. Talvez alguém os tivesse orientado a expressar um sorriso no momento do *click*, ou, muito provavelmente, os retratados assim se comportaram porque desejavam registrar para o futuro o orgulho de portar a farda da sua corporação. Motivo de orgulho para uns, aventura para outros, ser enviado para a frente de batalha era a afirmação do

¹ Universidade de Brasília. Departamento de História. ICC Norte, 2º andar, sala 14. 70.910-900 Brasília, Distrito Federal, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-8452-6725>

pertencimento ao rol dos cidadãos de seu país. A revista *Em Guarda para a defesa das Américas* não deixa dúvidas sobre quem era o cidadão ideal norte-americano: homem, branco e em armas.

Em uma edição de 1944, a revista publica uma de muitas matérias sobre as forças brasileiras na Europa e a ilustra com imagens do embarque de soldados da FEB. Contrastando com as matérias que tratam das forças norte-americanas, a escolha do editor recai sobre um conjunto de soldados brasileiros em que vários deles são negros. Nos números da revista que compulsamos, os brasileiros respondem pelas únicas imagens de tropas inter-raciais publicadas.

Se o discurso político da *Em Guarda* enfatiza a participação de homens brancos nas forças armadas norte-americanas, serve igualmente ao propósito de enfatizar o discurso político do Estado Novo brasileiro. Um discurso tensionado entre a repulsa à negritude (Cunha, 1935) e o elogio da miscigenação, contido na ideia da “raça brasileira” (Gomes, 1988, p. 242). Tal concepção não abre espaço para a crítica das formas de discriminação racial no país e, talvez por essa mesma razão, as portas das carreiras militares estavam fechadas a jovens negros e judeus, como revela a pesquisa de Fernando Rodrigues (Rodrigues, 2008).



Figura 1. Aviadores sorriem no momento da foto. *Em Guarda*, ano 2, nº 7, 1943. “Aviators smile at the click”. *On Guard*, year 2, no. 7, 1943.

Nas forças brasileiras, admitiam-se soldados negros, mas não havia oficiais negros.

Mesmo que fossem originados de diferentes culturas, os soldados mostrados nas imagens acima apresentam uma atitude comum: a disposição de mostrar o melhor de si para o registro fotográfico. A maior parte olha fixamente



Figura 2. Soldados aguardam para embarcar em navio, *Em Guarda*, ano 3, nº 1, 1944; “Soldiers await to embark on a ship”. *On Guard*, year 3, no.1, 1944.



Figura 3. Embarque de soldados da Força Expedicionária Brasileira, *Em Guarda*, ano 3, nº 11, 1944; “Brazilian soldiers embark on a ship towards Europe”. *On Guard*, year 3, no. 11, 1944.

para a câmera e esboça um sorriso. O que os leva a assumir tal comportamento?

Nos estudos sobre a fotografia, o momento do *click* foi problematizado por muitos autores, como mostra o estudo de Baitz (Baitz, 2005). Neste artigo, vou me apoiar nas reflexões de Roland Barthes (Barthes, 1984) porque este autor dá especial atenção ao exercício do registro de imagens de pessoas. Barthes discute a interação que acontece entre o fotógrafo e a pessoa fotografada, e sugere que a pessoa retratada, quando posa para a lente, reconhece estar diante da oportunidade de eternizar a sua imagem, de converter seu corpo em um símbolo. O retratado se empenha, também, para simular ser a pessoa que imagina que os outros gostariam que ele fosse. Esse raciocínio nos conduz a observar que a maior parte dos soldados fotografados, norte-americanos e brasileiros, olham para a câmera e registram a sua contribuição para o esforço de guerra. Sabem que podem ir ao encontro da morte, ou podem retornar para casa muito diferentes do que eram, mas o importante naquele momento era corporificar o soldado-cidadão.

Ainda seguindo os passos de Barthes, sabemos que a fotografia de pessoas, a depender da situação, tem o poder de converter momentos prosaicos em imagens que provocam emoções em quem as vê. Toda a operação depende da interação entre aquele que faz o registro (o fotógrafo), aquele que é objeto de atenção (o retratado) e aquele que vê e interpreta a imagem. Em todas as etapas, os integrantes da operação de fotografar, de deixar-se fotografar e de ver realizam escolhas, escolhas essas que se somam à capacidade de decidir o que enfatizar, o que publicar e como publicar, que é própria do poder deliberativo de um editor. Eis as razões pelas quais examinamos neste ensaio o discurso imagético da revista *Em Guarda* sob duas chaves de compreensão da sociedade norte-americana: as representações das relações raciais e das relações de gênero.

Mesmo que a imensa maioria dos soldados norte-americanos convocados a servir nas frentes de batalha tenha se originado de famílias brancas, é evidente o esforço do editor para mostrar apenas a América branca nas imagens, tanto nos registros de situações da vida de civis como nas imagens de tropas mobilizadas. Em contraste com a profusão de imagens de soldados brancos, a revista raramente apresenta imagens de pessoas negras e, ainda de modo mais raro, apresenta imagens de soldados negros, embora se saiba que cerca de 1 milhão de homens negros tenham sido convocados a servir, e tenham sido empregados, quase sempre, em atividades de apoio – limpeza, alimentação. Deste modo, o discurso sobre o país de pessoas brancas é loquaz, enquanto o silêncio sobre os soldados e os civis não brancos é igualmente significativo.

Neste estudo, são examinados 41 números do total de 52 edições da revista, de uma coleção mantida

na minha família desde o tempo da Segunda Guerra. No entanto, a coleção particular que subsidia o artigo está incompleta, pois conta com cinco números do ano de 1942, mas contém todos os números dos demais anos em que a revista foi editada. Para este estudo, compulsei, portanto, cinco números de 1942, 12 de 1943, 12 de 1944 e 12 de 1945. Como a revista não integra as coleções de bibliotecas públicas, a exemplo da rica biblioteca da Câmara dos Deputados, o conjunto preservado na minha família há gerações é o único disponível para análise.

Nos números que consultei, examinei a frequência com que os temas de matérias se repetem e a frequência com que mulheres e pessoas negras são retratadas e, principalmente, em que situações isso acontece. Apesar de envolver um exercício de quantificação, a metodologia escolhida neste trabalho é de fundamento qualitativo, porque o importante não é contabilizar a frequência com que imagens de pessoas negras e de mulheres são mostradas na *Em Guarda*, mas refletir sobre o modo como são representadas.

A profusão de fotos na *Em Guarda*, associada ao projeto gráfico peculiar em uma peça de propaganda contra o Eixo, oferece elementos de grande interesse para a compreensão da imagem que os Estados Unidos então buscavam projetar sobre os países do continente americano. Particularmente, a construção da imagem normativa do soldado engajado – jovem, branco, viril, cristão, escolarizado – corresponde à ideia do cidadão-padrão que sustenta a nação norte-americana. A quase ausência de imagens de pessoas negras sugere o afastamento da população não branca do ideal de cidadão.

Observa-se, no entanto, que a revista passa a mostrar imagens de soldados negros conforme se amplia o envolvimento de países latinos no esforço de guerra, em particular, a partir do ano de 1943, quando as autoridades brasileiras passaram a mobilizar jovens para lutar no cenário europeu, como já se comentou.

Há na revista também um conjunto expressivo de imagens e de matérias sobre a mobilização de mulheres no esforço de guerra, especialmente nas fábricas bélicas. Tais imagens permitem compreender aspectos das relações de gênero nos Estados Unidos durante os anos do conflito. A chave de compreensão aplicada ao exercício investigativo da *Em Guarda* é a noção de masculinidade normativa desenvolvida por George Mosse (Mosse, 1996). Imagens de civis em ambientes de trabalho voltados para o esforço de guerra oferecem elementos adicionais que elucidam as relações raciais vigentes naquele país em perspectiva interseccional.

Este artigo volta à *Em Guarda* para discutir as relações raciais e de gênero ali representadas, o que não foi suficientemente explorado até o momento. Busco

compreender os valores sociais associados à masculinidade e à feminilidade, a fim de identificar os comportamentos esperados de homens e de mulheres brancos. Este problema é examinado a partir da lógica dual, que supõe que o reforço positivo conferido ao comportamento masculino ideal para os tempos vividos corresponde à mesma operação simbólica, embora no sentido inverso, em relação às mulheres. Se aos homens é conferido papel de destaque nas coisas públicas – a defesa da nação –, às mulheres brancas é conferido papel de destaque no cuidado do lar.

Esta forma de pensar as relações sociais guarda proximidade com a proposta teórica de Bourdieu (2009), como também é inspirada nas considerações de Pateman (1989) sobre o efeito estruturante que as diferenças de gênero acarretam aos sistemas políticos. Mesmo sob a inspiração de tais autores, o estudo requer ajustes teóricos. Reconhecemos haver elementos inscritos na cultura e que se reproduzem desde muito tempo por práticas sociais e pela ação de instituições que geram conformidade, como a escola e as instituições religiosas, mas destacamos que os momentos históricos específicos das duas grandes guerras do século XX foram marcados pelo reforço das diferenças de gênero, consequência da exacerbação da masculinidade, como sugere Mosse (1996). A julgar pelos efeitos do envolvimento nos conflitos sobre a população negra na América, compreende-se que a mesma operação ideológica que reforça as diferenças de gênero, quando aplicada à população negra, acontece através da ação simultânea de práticas discriminativas combinadas – tanto de gênero como raciais – aos moldes da proposta teórica desenvolvida por Crenshaw (2002).

O exercício investigativo destaca a forma como o governo norte-americano desejava que os leitores brasileiros vissem a vida no seu país. Trata-se de um ponto de vista que pretende contribuir para o debate em torno das relações entre Brasil e Estados Unidos durante os anos da Guerra.

O artigo se desenvolve em três partes. Primeiramente, examina-se a linha editorial adotada na revista e o papel das imagens na veiculação da mensagem da publicação. A seguir, as imagens são examinadas pela ótica das relações raciais. Na terceira parte, examina-se o mesmo conjunto de imagens pelo viés das relações de gênero, e a última parte apresenta as considerações finais.

O fotojornalismo de *Em Guarda*

Estudos sobre a revista *Em Guarda* não são exatamente inéditos. Há uma dezena de trabalhos historiográficos que examinam aspectos desta publicação, dentre os quais se destacam dois estudos que examinam a revista de modo profundo (Silva, 2009; Barros, 2015).

Iberê Barros, por exemplo, reconhece que o conjunto texto-imagem da revista busca mostrar a capacidade industrial e militar superior dos Estados Unidos e, assim, persuadir os leitores latino-americanos do acerto de seu país se alinhar com as forças aliadas. Júlio César Silva, que também se debruça sobre o projeto editorial da *Em Guarda*, enfatizando o papel educativo das imagens, que devem induzir os leitores a pensar os Estados Unidos como a nação de maior progresso no Continente.

Ambos os autores mencionados também reconhecem o silêncio constrangedor que paira sobre as relações raciais do país, revelado na escolha das imagens e no teor das matérias. Seus exercícios investigativos, porém, dão destaque às intenções políticas dos Estados Unidos, examinadas à luz da peça de propaganda – a revista. Diferentemente dos autores mencionados, a proposta deste artigo é investigar a linha editorial da *Em Guarda* sob a chave de compreensão da categoria de gênero e das relações interseccionais.

A revista começou a ser publicada mensalmente em agosto de 1941 e circulou até dezembro de 1945, quando foi descontinuada. Numa iniciativa do *The Office of Coordinator of Inter-American Affairs*, órgão ligado ao Departamento de Estado dos Estados Unidos e dirigido pelo empresário Nelson Rockefeller, a *Em Guarda* era editada em Washington, pela empresa *Business Publishers International Corporation*. Segundo Barros (Barros, 2015), havia uma versão em espanhol da mesma publicação, a qual não foi consultada no âmbito desta pesquisa. Já o autor Erb (Erb, 1982) consultou exclusivamente a versão em espanhol da *En Guarda*; daí que a sua apreciação sobre a linha editorial da revista não pode ser comparada à versão em português, porque não sabemos se as matérias eram as mesmas.

A *Em Guarda* não foi a única iniciativa voltada a estreitar os laços culturais entre as nações das Américas e dissipar as desconfianças políticas que muitos latino-americanos nutriam em relação aos Estados Unidos. Rockefeller, quando à frente do *Office*, criou condições para a produção de filmes distribuídos nas Américas, de programas de rádio e revistas em quadrinhos, reuniu equipe de jornalistas para produzir matérias completas e inserções publicadas em jornais por todo o Continente, dentre outras iniciativas que foram conduzidas desde antes do ingresso dos EUA na guerra (Erb, 1982).

Para tanto, o *Office* contava com apoio do presidente Roosevelt, fundamental para prosseguir os projetos, a despeito dos atritos políticos frequentes com o Departamento de Estado (Erb, 1982). Ainda assim, os primeiros produtos da equipe do *Office* reforçavam os estereótipos que cercavam os latinos na indústria cultural norte-americana e tiveram má repercussão. A equipe precisou

revisar as mensagens para evitar produzir no espírito dos consumidores latino-americanos o efeito inverso ao que pretendiam os formuladores da propaganda de guerra. Ao mesmo tempo, documentos internos da administração Roosevelt revelam que o *Office* foi pautado pelo propósito de apresentar uma imagem favorável dos Estados Unidos para seus vizinhos latino-americanos (Erb, 1982, p. 94ss.). Era preciso mostrar que o país não contava apenas com uma sociedade voltada para o lucro e os negócios, mas que se tratava de uma civilização equiparável à civilização europeia (Erb, 1982, p. 128).

Por tais razões, considero um raciocínio reducionista avaliar a atuação de Nelson Rockefeller na gestão de assuntos latino-americanos do governo Roosevelt como motivada exclusivamente por interesses econômicos do grupo Rockefeller na região, como sugere Junqueira (Junqueira, 2001).

Logo, os objetivos de mostrar o “melhor” dos Estados Unidos e de cultivar a retórica da integração dos povos das Américas foram perseguidos no projeto da revista *Em Guarda*, que ocupou um lugar destacado nas iniciativas do *Office*. Na sua concepção, o uso de imagens era central e, para tanto, a agência governamental buscou cooperação com o grupo empresarial Life, que desenvolvia à época o que havia de mais moderno no mercado editorial norte-americano. O conjunto texto-imagem visava influenciar os formadores de opinião nas Américas, para quem a revista era distribuída gratuitamente, a pensar que os Estados Unidos eram o país melhor equipado para defender o Continente. As mensagens eram, primeiro, que os Estados Unidos eram um país democrático e, segundo, que se tratava da maior potência industrial das Américas. Por tais razões, o alinhamento com os EUA deveria ser a melhor escolha política dos países latinos. Tais questões eram fundamentais para a diplomacia norte-americana naquele momento (Erb, 1982).

O projeto editorial da revista é composto por textos adjetivados, ilustrados por muitas imagens. Cada matéria traz pelo menos três fotos pequenas e uma ampliada. Com frequência, a imagem ocupa uma página inteira da matéria. A fim de tornar mais impactante a experiência de leitura, a revista tem grandes dimensões (25 x 35 cm), comparativamente às publicações congêneres no Brasil à época. O papel é lustroso, com qualidade suficiente para ressaltar o impacto das imagens sobre o leitor. Júlio César Silva (Silva, 2015, p. 103) contabilizou a média de 95 fotos por número, um número próximo ao que encontramos, apesar de este autor ter consultado um conjunto de revistas diferente do que examinamos.

A revista não era vendida em bancas e era enviada a assinantes, mediante solicitação por carta. Considerando a dimensão da população brasileira nos anos 1940, em torno

de 40 milhões de habitantes, a revista deve ter alcançado um número importante de leitores, pois, segundo Barros (Barros, 2009, 2015 p. 43), alguns números tiveram a tiragem de 80 mil cópias, ao passo que outros chegaram a ter 500 mil cópias.

As capas são sempre coloridas, mas também há fotos coloridas no interior dos números, e tais imagens devem ser analisadas separadamente, pois, ao escolher destacá-las, apesar de implicar aumento no custo de produção da revista, o editor confere importância adicional a essas imagens. Fotos coloridas passam, assim, a reforçar a mensagem veiculada na matéria de que fazem parte.

No primeiro ano de publicação, as capas são compostas por desenhos de equipamentos militares ou de embarcações. A partir de novembro de 1941, o projeto gráfico da *Em Guarda* se estabiliza em um padrão que se manteve até o fim: capas coloridas com retratos de comandantes militares norte-americanos, dos presidentes daquele país, de soldados em poses de combate, ou de civis em alguma atividade pertinente para o esforço de guerra.

Há seções fixas, cujo teor se repete a cada edição. Em todos os números consultados, a primeira matéria

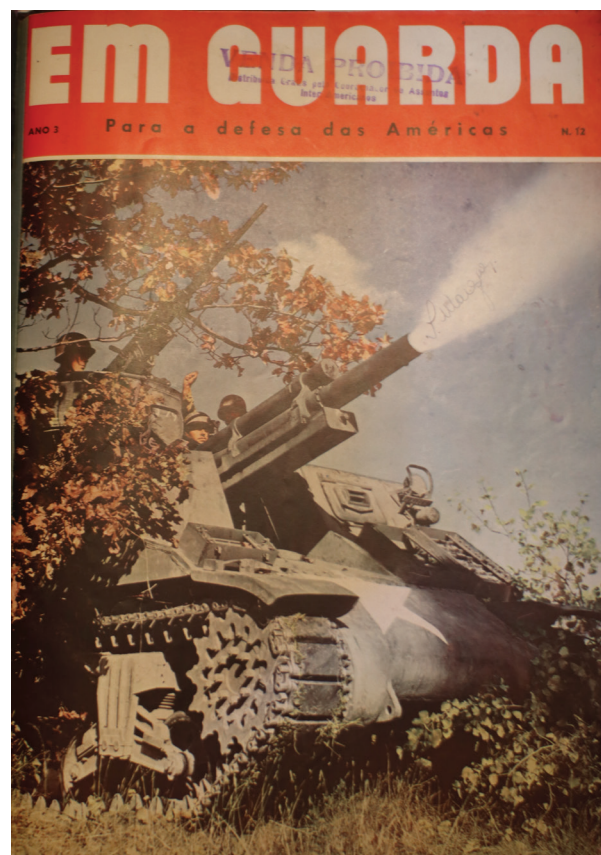


Figura 4. Capa de *Em Guarda*, ano 3, nº 12, 1944; Front cover of *On Guard*, year 3, no. 12, 1944.

notícia um cenário de guerra, seguida de matérias sobre o modo de vida norte-americano, incluindo perfis de cidades dos Estados Unidos, manifestações artísticas e culturais, além de matérias sobre o sistema educacional e de saúde. Também são frequentes matérias sobre ciência e, particularmente, sobre tecnologia adaptada a fins bélicos. A retórica do conjunto texto-imagem das matérias que tratam do desenvolvimento tecnológico nos Estados Unidos, dada a insistência com que o tema aparece na revista, corrobora a interpretação de Silva sobre a mensagem subliminar contida na publicação: os Estados Unidos são a nação de maior progresso civilizatório no Continente americano, a única capaz de liderar os países latino-americanos, que se apresentam em estágio inferior de desenvolvimento tecnológico e de bem-estar (Silva, 2009, p. 94ss).

A partir do ano de 1943, os números passam a conter matérias sobre os modos de cooperação continental. Inicialmente, as matérias exploram a cooperação para a oferta de serviços de saúde, mas gradualmente surgem mais reportagens sobre a cooperação econômica e militar no âmbito das relações interamericanas. A contrabalançar a ênfase nos Estados Unidos, a *Em Guarda* traz matérias sobre países do continente, exceto sobre a Argentina. Também há matérias ilustradas, ainda que pequenas, sobre cidades brasileiras – a exemplo de Belo Horizonte e do Rio de Janeiro.

Nos dois últimos anos da publicação, são frequentes as matérias sobre as conferências e os encontros diplomáticos que redefiniram o quadro político do mundo, desde antes do final do conflito: Dumbarton Oaks, em outubro de 1944, México, em fevereiro de 1945, Yalta, também em fevereiro de 1945, a conferência de São Francisco, realizada de maio a junho de 1945, e o encontro de Potsdam, em julho de 1945.

Os leitores brasileiros podiam acompanhar o desenrolar da guerra e das negociações diplomáticas a partir dos jornais de grande circulação – *Correio da Manhã*, *Folha de S. Paulo*, *Estado de S. Paulo*, *O Globo*. Ainda que eles estivessem sob a censura do Estado Novo, todos dedicavam grande espaço para as notícias do conflito em curso. O que só a *Em Guarda* podia oferecer era uma visão detalhada das operações de guerra nos *fronts* europeu e do Pacífico. Uma visão igualmente marcada por censura e ideologia, fortemente induzida pelo projeto gráfico da revista, deliberadamente organizado para enfatizar a informação visual, que está a serviço de um discurso político.

As historiografias brasileira e norte-americana sobre a Guerra são unânimes em afirmar que as imagens produzidas pelos fotógrafos que acompanhavam as tropas aliadas cumpriram um importante papel na batalha pela opinião pública (Silva, 2009). Entretanto, percebe-se uma clara escolha editorial na *Em Guarda*, onde se publicam

imagens amenizadas dos confrontos. Nos primeiros anos da publicação, notoriamente, não há fotos de mortos nem de feridos. Veem-se muitos soldados embarcados, perfilados ou se deslocando até um ponto de combate. Acima de tudo, há muitas fotos posadas, em que os retratados agem como personagens no teatro do poderio militar de seu país. O soldado ideal é treinado, versátil, domina variadas técnicas, é sereno e disciplinado (Barros, 2015). Mas é mostrado como humano e atencioso com os civis, a exemplo de matérias ilustradas sobre a assistência à população na Europa, onde se veem soldados que fazem curativos em civis feridos, especialmente em crianças, ou lhes oferecem alimentos.

No último ano, contudo, as matérias sobre reuniões diplomáticas ambientadas em salões refinados são intercaladas com reportagens sobre o *front* no Pacífico, que mostram a guerra nos trópicos e os avanços custosos das forças aliadas, ilha a ilha, a fim de cercar e dominar as forças japonesas. Surgem imagens de soldados sujos, exaustos, feridos e mortos. Uma narrativa que prepara o leitor para o desfecho do confronto no Oriente: uma resposta dura às ofensivas japonesas, na forma da bomba total.

O ano de 1945 também traz reportagens sobre os campos de concentração que as forças aliadas libertavam na Europa. As matérias mostram corpos esqueléticos e amontoados, além de descreverem os bastidores dos julgamentos de criminosos de guerra, em Nuremberg ou na Ásia.



Figura 5. Soldados feridos em Okinawa, *Em Guarda*, ano 4, nº 8, 1945; Wounded soldiers in Okinawa, *On Guard*, year 4, no. 8, 1945.

Nas matérias dedicadas à vida nos Estados Unidos, os editores se valem de variadas fontes de imagens, como os grandes jornais norte-americanos, a *Press Association* e, principalmente, de fotos cedidas por organizações governamentais. Neste particular, desde o ano de 1935, como parte da defesa política do *New Deal*, a administração Roosevelt havia comissionado fotógrafos para registrar instantâneos da população dos Estados Unidos (Silva, 2009). Hoje, grande parte dessas imagens está reunida no fundo *Farm Security Administration*, sob a guarda da *Library of Congress* e é possível examiná-las a partir da página virtual da biblioteca.

Constata-se que fotógrafos percorreram o país para registrar, na sua maioria, pessoas brancas, mas há registros de civis negros, crianças e mesmo de soldados negros. Comparativamente às imagens veiculadas na *Em Guarda*, há um número significativamente maior de registros de pessoas negras em variadas situações no fundo da *Farm*. Se estavam disponíveis imagens sobre a pluralidade das formas de viver da população norte-americana, por que a *Em Guarda* se empenha em mostrar o *American way of life* sem pobres, com tão poucos negros e nenhuma segregação? A resposta pode estar contida na documentação interna produzida pelo *Office*, onde as intenções políticas da agência são enunciadas.

O estilo de fotojornalismo da *Em Guarda* não parece atender à mera necessidade de sensibilizar o leitor médio brasileiro, pouco escolarizado, como sugere Silva (Silva, 2009 p. 94). A profusão de imagens, diagramadas de modo a enfatizar a mensagem de serem os Estados Unidos uma nação unida contra o inimigo e silenciar sobre as enormes dificuldades sociais do país, cumpre

o propósito de educar o leitor para que este apreenda a imagem que as autoridades norte-americanas projetam de seu país para a América Latina.

Imagens educam o olhar do leitor, e a ideologia de uma revista estrutura a comunicação no circuito social da imagem, conforme sugere Mauad (Mauad, 2008, p. 39). Trata-se de comunicação composta por quatro elementos: a produção da imagem, o seu conteúdo, o seu consumo, a disposição de texto e imagem a serviço da narrativa de um veículo de imprensa. Cabe aos fotógrafos escolher o que merece ser registrado, além de poderem interferir no ângulo do registro e na luz, destacando aspectos do objeto (Mauad, 2008). Podem os fotografados se ajustar ao momento do *click* – posar, sorrir, interagir com a lente, enfim. Os editores envolvem as partes em um todo, que é o projeto editorial. Escolhem os textos, posicionam as fotos e destacam ideias nas manchetes. O leitor também é parte integrante da construção da mensagem, pois compulsa as páginas da revista, olha-as, registra na sua memória as impressões que as imagens lhe causam. No caso da coleção particular que motiva este artigo, o leitor coleciona a revista durante os anos da guerra. Terminado o conflito, zelosamente, cuida para preservá-la e legar a publicação às outras gerações.

Sobre o que trata a revista? Não causa surpresa que 96 matérias se dediquem a informar situações de conflito armado, considerando-se a coleção da revista entre os anos de 1942 a 1945. Outro tema recorrente na revista nesses anos é o modo de vida norte-americano, incluindo matérias sobre indústrias, sobre o sistema educacional, de saúde, além de museus e arte cênica.

Mais importantes para a linha editorial da revista e, por consequência, para o discurso político do veículo são as imagens. Trata-se de um componente do discurso político reconhecido por ser capaz de persuadir os leitores e impregnar a sua percepção da mensagem (Van Dijk, 2008, p. 104ss.). Neste particular, nos números publicados entre 1942 e 1945, contamos 1.160 imagens, das quais, apenas 20 retratavam pessoas não brancas. Tal contagem de imagens procurou selecionar situações que mostrassem mulheres trabalhando na indústria, no comércio, na agricultura, no transporte, no serviço público, no ensino e em serviços de saúde. Também foram consideradas imagens de homens retratados em situação de trabalho na indústria. Fora do mundo do trabalho, a *Em Guarda* publicou numerosas fotos de mulheres no espaço doméstico, atendendo crianças ou protagonizando gestos típicos de papéis femininos, como o ato de servir alimento. Como já se comentou, o lar foi alçado à condição de santuário da cultura americana, e a mulher (branca) é apresentada no conjunto texto-imagem como a guardiã dos costumes e



Figura 6. Mecânico negro de uma unidade do Exército, junho de 1942. “Colored mechanic in the Army, June 1942”. Origem/Source: *Farm Security Administration*. [LC-USW36-179]



Figura 7. Cantora lírica Marion Anderson, *Em Guarda*, ano 3, nº 4, 1944; The lyric singer Marion Anderson, *On Guard*, year 3, no. 4, 1944.

da moralidade cristã da civilização norte-americana. Em outros tempos, os cuidados da casa seriam considerados tarefas de menor valor na escala da estima social.

Há mulheres em algumas capas da revista, especialmente, as aviadoras, além de imagens de mulheres em posição de destaque na vida política e cultural. Destas, apenas uma matéria é dedicada a uma artista negra: à contralto Marian Anderson. Nenhuma imagem colorida e ampliada retrata uma pessoa não branca.

Entre as representações do feminino, o gesto de servir alimentos à família é valorizado no discurso da revista, que torna os cuidados com a família o contraponto feminino ao esforço masculino nas frentes de batalha, uma forma de cooperação cívica que assegura a retaguarda do país em guerra. No entanto, o trabalho masculino de apoio à indústria, feito por aqueles que servem alimento aos operários, não recebe qualquer comentário valorativo, passando como uma natural divisão racial do trabalho, a exemplo da imagem abaixo, em que trabalhadores brancos são servidos por trabalhadores negros.

Logo, o investimento simbólico recai sobre a ação de homens e mulheres brancos, seja no ambiente doméstico, seja em ambientes laborais. A presença de pessoas não brancas nesses ambientes não é valorizada no conjunto texto-imagem, uma vez que tais presenças não são reforçadas por algum artifício de diagramação ou de tratamento da imagem. Logo, a presença de pessoas não-brancas em meio a pessoas brancas é tratada como acidental.

As relações raciais: construção e os usos da memória

As seções anteriores expuseram aspectos das representações sobre as relações raciais nos EUA que



Figura 8. Refeitório de fábrica no interior do país, *Em Guarda*, ano 4, nº 9, 1945; Workers at an industrial plant refectory. *On Guard*, year 4, no. 9, 1945.

subsidiavam o discurso editorial da revista – o conjunto imagem- texto. Vejamos aqui algumas considerações sobre o mesmo tema a partir da historiografia social sobre o período, a fim de encontrar novos elementos para analisar criticamente a *Em Guarda*.

Há algumas décadas, observa-se na academia norte-americana um movimento intelectual de revisão do conhecimento acerca das circunstâncias que cercavam a vida dos jovens negros, tanto os que se alistaram e foram rejeitados quanto os que foram convocados a servir na Segunda Guerra. Igualmente, há numerosos trabalhos que discutem a situação da população civil negra que buscou trabalho e moradia nos anos do conflito.

A partir dos anos 1960, pesquisadores passaram a elaborar trabalhos baseados em estatísticas oficiais das forças armadas norte-americanas, a fim de questionar os critérios de alistamento de negros e de seu emprego durante a guerra, a exemplo dos trabalhos de Murray (1971), Robbins (2002) e Wynn (1971). No esforço de politizar a memória da minoria negra durante a Guerra, a obra de Motley (1975) fez uso da metodologia da história oral para

registrar as memórias de soldados negros, o que revelou o cotidiano de intolerância que cercava esses jovens soldados.

Em anos recentes, o movimento de renovação do conhecimento histórico atingiu o sistema educacional norte-americano, que, como é sabido, não dispõe de um currículo padronizado para todo o país. Deste modo, em alguns estados, desenvolvem-se projetos de introdução de conteúdos no ensino de História para além da historiografia convencional sobre a Segunda Guerra. Por exemplo, em um plano de curso elaborado para o sistema educacional do município de Baltimore, Karen Hodges (2000) propõe aos alunos questionar se a participação de afro-americanos no esforço de guerra contribuiu para reduzir a discriminação racial no país. Para tanto, são elencados variados materiais para os alunos examinarem criticamente. Projetos educacionais como o de Hodges recebem o apoio do sistema de museus nacionais, a exemplo do *Smithsonian Museum*, do *National Archive* e do *The National Museum of WWII*, que oferecem planos de aula, estatísticas, extratos de documentação e imagens para professores elaborarem seus planos de ensino.

Considerando a historiografia consultada, percebe-se uma atitude ambivalente nas lideranças negras norte-americanas em relação à participação dos integrantes da comunidade nas forças armadas ao longo do século. Se a mobilização para a guerra no sudeste asiático ao final dos anos 1960 e início da década seguinte gerou forte contestação, dada a política de recrutamento que tendeu a convocar, proporcionalmente ao conjunto da população, mais jovens negros do que brancos, o inverso aconteceu nas duas grandes guerras, quando jovens negros foram rejeitados pelas juntas de recrutamento (Murray, 1971).

A partir de 1939, ainda que os EUA não estivessem em guerra, a mobilização já havia iniciado. Incentivados pela imprensa e pelas lideranças políticas negras, os jovens procuraram se registrar nas forças armadas. Para o jornal negro *The Crisis*, o alistamento era uma prova do americanismo dos negros (Murray, 1971, p. 60). Entretanto, as forças armadas rejeitaram a maior parte dos jovens que se apresentaram voluntariamente e pouco aproveitaram dos que foram convocados, valendo-se de critérios discriminatórios, especialmente alegando que a formação escolar dos voluntários negros era insuficiente. O sistema de recrutamento também se apoiava em juntas locais de recrutamento que, nos estados sulistas, resistiam a indicar negros para servir nas forças armadas. Tal estado de coisas elevou o nível da tensão política no país, a ponto de o presidente Roosevelt anunciar, em 1940, que as forças



Figura 9. Jovem soldado e sua família. *Em Guarda*, ano 3, n. 4, 1944; Young soldier and his family. *On Guard*, year 3, no. 4, 1944.

armadas deveriam buscar a meta de 10% de conscrições de homens negros, o que, segundo Murray, não foi observado.

Ao fim do período de 1939 a 1945, que envolveu tanto os preparativos para a ação militar quanto o combate nos *fronts* europeu e no Pacífico, estima-se que 2 milhões e 400 mil homens negros tenham se registrado para servir, dos quais em torno de 1 milhão foram admitidos nos grupamentos militares, quase sempre em atividades de apoio, pois 38% dos convocados não foram empregados em ações de combate.² Este mesmo período representou a mobilização de 39 milhões de homens e mulheres nas forças armadas.

A preferência dos recrutadores recaiu sobre homens brancos, escolarizados e de corpos exemplares (Barros, 2015). A normatividade masculina do entregueras, manifestada por intermédio de variados discursos, foi sintetizada por Mosse (Mosse, 1996), segundo o qual ela continha os seguintes elementos: o homem ideal deveria apresentar as virtudes do autodomínio emocional, da força de vontade, da coragem e da honorabilidade. Virtudes que deveriam estar corporificadas em homens altos, fortes e de atitudes viris (e brancos, acrescentaríamos). Neste particular, as páginas da *Em Guarda* estão repletas de soldados que preenchem esses requisitos.

O elogio ao homem comum é constante nas matérias da revista; especialmente se destaca o empenho voluntário de homens oriundos de todas as camadas sociais e de variados ofícios. Os cidadãos que pegam em armas para defender a liberdade são, para a *Em Guarda*, “[...] procedentes de todas as camadas sociais, ricos e pobres, das profissões liberais, operários, agricultores e comerciantes, e todos o fizeram voluntariamente.”³

² Neste particular, as fontes consultadas apresentam divergência de números. Pelo *The National WWII Museum*, entre voluntários e convocados, serviram 901.896 homens e mulheres negros. Já o historiador Paul Murray (1971), com base em historiografia militar oficial, informa que 1.030.255 negros serviram nas forças armadas.

³ *Em Guarda para a Defesa das Américas*, s/n., 1942, cit. ap. Barros, 2015, p. 55.

Embora pobres, os homens negros que se alistaram estavam tão distantes do ideal normativo do soldado-cidadão quanto os civis afro-americanos estavam do ideal normativo de cidadãos. Os anos de recessão econômica foram particularmente duros para a população negra nos Estados Unidos, uma vez que os auxílios governamentais para o setor agrícola levaram à mecanização da produção e à extinção de empregos. Em consequência, milhares de famílias migraram para o norte, em busca de emprego nas indústrias (Hodges, 2000). Entretanto, o pesado investimento estatal nas indústrias dos estados do Norte, sob a forma de encomendas de navios e veículos militares, não foi capaz de gerar empregos de maior renda para os trabalhadores negros. Mais uma vez, o presidente Roosevelt foi instado a agir em defesa da minoria negra e assinou a *Executive Order* (um decreto executivo) número 8.802, em junho de 1941, pela qual as indústrias que recebessem encomendas governamentais deveriam abrir postos de trabalho a candidatos negros (Hodges, 2000; Robbins, 2002).

Assim como nas forças armadas, os trabalhadores negros que procuraram emprego na indústria encontraram apenas vagas de faxineiros, carregadores ou cozinheiros.



Figura 10. Fila de candidatos a emprego. *Em Guarda*, ano 2, n. 3, 1943; Job applicants wait in line, *On Guard*, year 2, no. 3, 1943.



Figura 11. Mulheres trabalhadoras em uma indústria bélica, *Em Guarda*, ano 4, n. 3, 1945; Women workers at a defense industry, *On Guard*, year 4, no. 3, 1945.

Mulheres também foram empregadas como soldadoras, o que não era considerado um trabalho qualificado, então (Hodges, 2000).

Ao lado, há um registro de turma de trabalhadoras na indústria bélica onde a maior parte das operárias brancas olha fixamente para a câmera e esboça um sorriso, ao contrário da única operária negra, que desvia o olhar. Podemos supor que as operárias brancas posem orgulhosas de sua contribuição para o esforço de guerra, ao passo que a trabalhadora negra não vê a participação no mundo do trabalho como uma opção?



Figura 12. Duas soldadoras participam da festa em promoção de bônus de guerra. *Em Guarda*, ano 2, n. 10, 1943; Two welders take part in the party for the selling of war bonds, year 2, no. 10, 1943.



Figura 13. Mulher dobra paraquedas em fábrica de material militar. *Em Guarda*, ano 2, n. 10, 1943; Woman folds a parachute at a defense factory. *On Guard*, year 2, no. 10, 1943.

Na próxima imagem, porém, a soldadora negra de um estaleiro interage com a câmera e parece se divertir com a situação. A legenda da imagem informa que dois conhecidos jogadores de baseball visitavam a empresa para promover a venda de bônus de guerra.

Como já comentei, nenhuma imagem destacada com cor e ampliação registra uma pessoa negra, em todos os números compulsados da *Em Guarda*. A economia simbólica da imagem colorida sugere que a vida dos soldados estava nas mãos hábeis e cuidadosas de mulheres encarregadas de dobrar paraquedas nas fábricas.

As relações de gênero

A Primeira Guerra não estava tão distante na esquina da memória daqueles que viviam as consequências do segundo conflito. Comparativamente às guerras nos séculos anteriores, as que eclodiram na primeira metade do século XX se caracterizaram por promover novas ideias de conduta masculina, acentuando as diferenças de gênero. O ideal de masculinidade que emergiu na Primeira Guerra (Mosse, 1996) foi marcado pela ca-



Figura 14. Esposa de combatente mostra carta que recebeu dele. *Em Guarda*, ano 3, n. 2, 1944; A soldier's wife shows a letter she received from him. *On Guard*, year 3, no. 2, 1944.

maradagem, pela estética dos corpos masculinos, viris e imponentes.

Vinte e cinco anos depois, a eclosão do segundo conflito fez retornar ao centro da vida social o discurso de estereotipação da masculinidade, o qual, como já comentamos, modelava as atitudes masculinas pela busca do autocontrole emocional, pelo cultivo da força de vontade e da coragem. Como argumenta Mosse (Mosse, 1996), os variados discursos sobre o ideal masculino se enraízam e transformam em experiência os lugares sociais específicos, onde a convivência masculina é objeto de práticas reiteradas. Fosse em escolas exclusivas, em clubes de escotismo, ou mesmo na disciplinarização do treinamento militar para o combate, uma nova geração de homens passou a pautar a sua conduta pelas virtudes esperadas do homem ideal.

Em contrapartida à estereotipação do comportamento masculino, emergem discursos e práticas sociais que modelam o comportamento feminino ideal. Se os homens em guerra devem exercer em plenitude a sua masculinidade, isto é, mostrarem-se ativos e disciplinados, as mulheres devem responder aos desafios do esforço de guerra adotando a postura passiva e afetiva. Tornam-se os refúgios serenos aos soldados, conformam-se com a sua ausência e se desdobram para manter a paz familiar enquanto o chefe estiver no *front*.

Aquelas que ocupam lugares no mundo do trabalho fazem-no com espírito abnegado e não se queixam de receberem salários menores do que um homem receberia pela mesma ocupação. As questões políticas femininas que vinham alimentando o imaginário dos grupos feministas – igualdade salarial, igualdade jurídica – devem ser reprimidas e aguardar um momento oportuno para serem novamente enunciadas (Bolt, 2004, p. 140).

A *Em Guarda* destaca o empenho das mulheres norte-americanas para suprir a carência de mão de obra em variados setores econômicos, em particular na indústria de defesa. A presença de mulheres no chão das fábricas é tratada como uma situação temporária e emergencial; não corresponde à verdadeira vocação das mulheres. Assim como o soldado branco corporifica o cidadão ideal que responde à responsabilidade de defender a nação, as mulheres brancas encarnam a tradição e o lar. Enquanto aguardam o retorno dos soldados, podem oferecer sua contribuição social trabalhando na indústria de armamentos.

A fim de amparar as mulheres que se engajam nas fileiras do trabalho industrial, surge uma rede de solidariedade para assegurar o bem-estar dos filhos de “mães que trabalham”, termo empregado na revista. Mulheres que trabalham mediante salário é uma anomalia de comportamento tolerada em nome da necessidade de produzir armamentos e mesmo para manter o nível

de atividade econômica do país na ausência da força de trabalho masculina, mobilizada no conflito. Às mães com filhos pequenos, viúvas ou esposas de combatentes o Estado assegura subsídio para que possam se dedicar exclusivamente aos cuidados das crianças. O sistema de apoio estatal, por intermédio do *Children's Bureau*, um órgão estatal de amparo à maternidade e à infância, é descrito nas páginas da *Em Guarda* como o modelo de assistência social que os países latino-americanos deveriam seguir, constando, inclusive, das tratativas de cooperação diplomática no continente ao tempo da Guerra.

Em apoio às muitas mães trabalhadoras na indústria, surge uma rede de creches, em todo o país, onde as crianças recebem atenção e cuidados. A revista enfatiza o papel de jovens voluntárias que atuam nas creches. São jovens universitárias que assumem a tarefa de cuidar de crianças de outras mães como a sua parcela de contribuição para o esforço de guerra.

Nos números da revista que compulsamos, há numerosas matérias sobre o sistema de assistência às crianças de “mães que trabalham”, além de matérias sobre a atuação do *Children's Bureau* e da rede de assistência e integração aos ex-combatentes que já começavam a retornar para

casa. A próxima imagem destaca o perfil das crianças atendidas nas creches.

A mesma reportagem mostra, sem destaque e de costas, uma criança negra, entre outras. Uma jovem universitária, diz a matéria, conduz a atividade das crianças.

Considerações finais

A análise da revista *Em Guarda* mostrou que a publicação do Departamento de Estado se dedicou a projetar no Brasil a imagem da América branca, cristã e de classe média. O homem comum que pega em armas



Figura 15. Mãe viúva atende seus filhos com apoio de subsídio estatal. *Em Guarda*, ano 4, n. 1, 1945; A widow-mother assists her children with support of state aid. *On Guard*, year 4, no. 1, 1945.



Figura 16. Crianças em centro de atendimento infantil. *Em Guarda*, ano 2, n. 10, 1943; Children at a day-care. *On Guard*, year 2, no. 10, 1943.



Figura 17. Crianças realizam tarefa de artes. *Em Guarda*, ano 2, n. 10, 1943; Children perform an art task. *On Guard*, year 2, no. 10, 1943.

e segue para o combate tem tais atributos. Ele é escolarizado, disciplinado e tem habilidades úteis para a ação em combate. A mulher que apoia as tropas na forma de trabalho nas fábricas de armamentos, assumindo os postos de trabalho tradicionalmente ocupados por homens, ou mesmo cuidando dos filhos pequenos, oferece a sua contribuição ao esforço de guerra, que exige sacrifícios de todos os cidadãos norte-americanos.

O cidadão e a cidadã ideais que emergem do conjunto imagem-texto da publicação são brancos, pois cabe a eles sustentar a defesa do país e a preservação da família. Distante do ideal normativo está a população negra, cuja exclusão sistemática das fileiras militares reforça o distanciamento do ideal do cidadão-soldado, uma vez que os soldados negros foram designados quase sempre para ocupações subalternas e foram mantidos invisíveis na *Em Guarda*. A população civil negra não tem melhor sorte, pois sua integração precária no mundo do trabalho reforça a segregação racial.

A economia simbólica das imagens da *Em Guarda* destaca, sem subterfúgios, os homens e mulheres que representam o sustentáculo da nação. São todos brancos. Exceto por matérias sobre os pracinhas brasileiros, não há imagens de soldados negros nas páginas da *Em Guarda*, e os civis negros norte-americanos são mostrados de modo inadvertido, a exemplo dos poucos homens negros que ocupam um lugar na fila por emprego, ou da criança negra retratada de costas para a câmera, ao passo que seus colegas de sala compõem a foto de maior destaque na matéria.

O editor parece ter tido especial predileção por retratos sorridentes de civis e de soldados brancos, a eternizar o orgulho nacional expresso no olhar e fixado pela lente do fotógrafo. Cabia ao leitor da *Em Guarda* associar o poderio militar norte-americano à superioridade racial branca.

Referências

- BAITZ, R. 2005. Fotografia e nacionalismo: a revista *The National Geographic Magazine* e a construção da identidade nacional norte-americana (1895-1914). *Revista de História*, 153:225-250.
- BARROS, I.M.R. 2015. *Para a defesa das Américas: o herói-soldado-cidadão na revista Em Guarda, 1941-1945*. São Paulo, SP. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 184 p.
- BARTHES, R. 1984. *A câmara clara*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 172 p.
- BOLT, C. 2004. *Sisterhood Questioned? Race, Class and Internationalism in the American and British Women's Movements, c. 1880s-1970s*. London, Routledge, 260 p.
- BOURDIEU, P. 2009. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 158 p.
- CRENSHAW, K. 2002. Documento para o Encontro de Especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Estudos Feministas*, 10(1):171-188.
- CUNHA, O. 1935. Povoamento: introdução à africanologia brasileira. *Boletim do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio*, 6:253-264.
- EM GUARDA para a Defesa das Américas. Ano I, nº 7, 1942 ao ano IV, nº 12, 1945. Coleção de Ildefonso Marques.
- ERB, C.C. 1982. *Nelson Rockefeller and United States – Latin American Relations, 1940-1945*. Worcester, MA. Tese de doutorado, Clark University, 527 p.
- ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. Smithsonian – National Museum of African American History and Culture. *Double Victory: The African Americans Military Experience*. Disponível em: <https://nmaahc.si.edu/double-victory>. Acesso em: 13/2/2018.
- ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. Library of Congress. Coleção de imagens do fundo *Farm and Security Administration*. Disponível em: <https://www.loc.gov/photos/?fa=partof:farm+security+administration/office+of+war+information+color+photographs&q=Farm+and+security+administration&sp=2>. Acesso em: 13/2/2018.
- ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. The National WWII Museum website. Disponível em: <https://www.nationalww2museum.org/students-teachers/student-resources/research-starters/research-starters-us-military-numbers>. Acesso em: 21/5/2018.
- GOMES, A.C. 1988. *A invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro, Iuperj, Vértice, 320 p.
- HODGES, K. 2000. *Continuity or Change: African Americans in World War II*. Plano de aula proposto para o sistema educacional da cidade de Baltimore, USA. Disponível em: <https://www.umbc.edu>. Acesso em: 7/1/2018.
- HOOKS, B. 1992. *Black Looks: Race and Representation*. Boston, South End Press.
- JUNQUEIRA, M.A. Representações políticas do território latino-americano na revista *Seleções. Revista Brasileira de História*, 21(42):323-342.
- MAUAD, A.M. 2008. *Poses e flagrantes: Ensaios sobre história e fotografias*. Niterói, Editora da Universidade Federal Fluminense, 261 p.
- MOSSE, G.L. 1996. *The Image of Man: The Creation of Modern Masculinity*. New York, Oxford University Press, 232 p.
- MOTLEY, Mary Penick. 1975. *The Invisible Soldier: The Experience of the Black Soldier, World War II*. Detroit, Wayne State University Press. Disponível (parcialmente) em: <https://books.google.com.br/>. Acesso em: 8/1/2018.
- MURRAY, P.T. 1971. Blacks and the Draft: A History of Institutional Racism. *Journal of Black Studies*, 2(1):57-76.
- PATEMAN, C. 1989. *The Disorder of Women: Democracy, Feminism and Political Theory*. Stanford, Stanford University Press, 228 p.
- ROBBINS, W.G. 2002. *African American and Women Workers in World War II*. Oregon History Project. Disponível em: <https://oregonhistoryproject.org/articles>. Acesso em: 21/4/2018.
- RODRIGUES, F.S. 2008. Discriminação e intolerância: os indesejáveis na seleção dos oficiais do Exército Brasileiro (1937-1946). *Antíteses*, 1(2):455-474.
- SILVA, J.C. 2009. *A construção do Pan-Americanismo na revista Em Guarda: o olhar americano pela defesa das Américas, 1941-1946*. Assis, SP. Dissertação de mestrado. Unesp, 267 p.
- VAN DIJK, T. 2008. *Discurso e poder*. São Paulo, Contexto, 281 p.
- WHITE, D.G. 1999. *Too Heavy a Load: Black Women in Defense of Themselves*. New York, W.W. Norton, 320 p.
- WITCOVER, J. 2003. *Party of the People: A History of the Democrats*. New York, Random House, 826 p.
- WYNN, Neil. 1971. The Impact of the Second World War on the American Negro. *Journal of Contemporary History*, 6(2):42-53.

Submetido em: 27/05/2018
Aceito em: 20/12/2018